

Produtividade em época de recessão

03 FEV 1992

GAZETA MERCANTIL

Edson Machado
de Souza *

A carta de intenções do Brasil, aprovada pelo Fundo Monetário Internacional, projeta para este ano crescimento zero da economia. A retomada do crescimento se daria somente a partir de 1993 com um crescimento avaliado de 3% do PIB naquele ano e de 5% nos seguintes.



O crescimento zero para 1992 é consequência esperada do ajuste que é necessário fazer na economia. Mas a recessão, como já anunciou o ministro da Economia, não é um objetivo do governo.

Esse período de sacrifício que estamos atravessando tem de ser encarado como um período de transição. O ano de 1992 deverá ser visto como um ano de preparo da colheita que haverá de vir nos anos seguintes. Devemos nos impressionar menos com projeção de estagnação para este ano e mais com a perspectiva de retomada de crescimento para os anos seguintes. Alcançados, no decorrer do ano, os sinais de estabilização da economia, esse sentimento passará a ser natural na população, nos empresários e nos dirigentes.

O Brasil já ensaiou, no decorrer da última década, retomadas de crescimento que esbarraram na ausên-

cia dos investimentos necessários para que fossem mantidas. Busca-se agora um crescimento sustentado e para isso é necessário investir com critério.

Os países que enfrentaram crises profundas como a que vivemos, agravadas às vezes por convulsões sociais ou restabelecendo-se de períodos de guerra, e conseguiram ingressar no que se convencionou chamar de modernidade sabem que ciência e tecnologia são instrumentos indispensáveis de progresso.

Para que isso se efetive é necessário que a tecnologia — apoiada na base científica estabelecida no País — seja uma tecnologia para o desenvolvimento ou o que até poderia ser chamado de “tecnologia de resultados”. É preciso deixar de encarar o esforço em ciência e tecnologia como um investimento desinteressado como o que se realiza no desenvolvimento das artes. A realidade do mundo atual coloca ciência e tecnologia como fatores capazes de agregar valor econômico a produtos e serviços e sobre o qual se construiu a prosperidade das nações modernas.

Um exemplo de como a tecnologia pode contribuir de forma palpável para a retomada está no esforço de qualidade e produtividade que o governo do presidente Collor vem promovendo junto ao setor produtivo e na própria estrutura governamental.

É preciso reconhecer, no entanto, que produtividade e recessão não combinam. Produtividade, em qual-

quer de suas concepções, pode ser sempre expressa como uma razão entre dois termos. No numerador está algo que expressa a produção como quantidade física ou valor agregado. No denominador, algum insumo básico como mão-de-obra, energia, matéria-prima, tempo de duração da operação ou a expressão monetária desses fatores.

Na empresa-país a mão-de-obra disponível é mais ou menos fixa como é aproximadamente estável o estoque de capital. Do ponto de vista global, não aumentar a produção significa não aumentar a produtividade do País pelo menos em relação a esses insumos.

O esforço de aumentar a produtividade na perspectiva de não crescimento parece então paradoxal. De novo é preciso lembrar que este é um ano de transição. O paradoxo desaparece quando se pensa que se está preparando o País para a retomada do crescimento.

Ora, é sabido que qualquer esforço tecnológico tem um tempo de maturação, mesmo os esforços de gestão da qualidade e da produtividade — de prazo de maturação comparativamente menor — têm tempo de resposta de um a dois anos.

Para isso devemos inverter a colocação da produtividade como uma razão produto/insumo e passar a pensar que a produção será o resultado da multiplicação do fator produtividade pelos insumos disponíveis.

Aumentando a produtivi-

dade será possível — a partir dos insumos disponíveis — aumentar a produção sem os efeitos negativos que poderia trazer para a política de estabilização econômica a pressão de demanda sobre insumos muitas vezes escassos.

Para que o País entre no que se chamou de círculo virtuoso do crescimento auto-sustentado é necessário direcionar corretamente os parcos recursos de investimento de que dispõe. A experiência internacional mostra que tecnologia é investimento prioritário. Dentro da prioridade que se deve atribuir à tecnologia temos que ainda ser seletivos para contribuir para o desenvolvimento. Uma vertente importante é investir em produtividade.

Foi para recuperar a capacidade de investimento do Estado que o governo propôs um reajuste fiscal que deve ser aprovado pelo Congresso. Não se pretende, portanto, submeter a Nação a um esforço adicional de arrecadação para simplesmente transferi-lo ao exterior financiando o superávit comercial para pagar a dívida externa ou para pagar juros aos aplicadores do mercado financeiro interno.

É preciso que não se alimentem ilusões: não há crescimento sustentado sem algum investimento. Por isso o País deverá retomar, já neste ano, o ritmo de investimentos.

* Secretário da Ciência e Tecnologia da Presidência da República.